

A igratidão é porventura o mais horrendo de todos os pecados.

Alexandre Herculano

ANO V — N.º 109

MARÇO

17

1 9 5 7

AVENÇA

A Voz do Alentejo

acional



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216 LOULÉ

NOVOS RUMOS...

A' hora do nosso modesto semanário entrar em distribuição, deve ter sido conferida posse do seu alto cargo, ao novo Governador Civil do Algarve, Ex.º Sr. Dr. António Baptista da Silva Coelho.

Não queremos dar a este editorial qualquer cunho pessoal que seria justificado pela velha amizade e camaradagem que sempre cultivámos e nos uniu.

Das suas qualidades de carácter e virtudes cívicas e sociais, diremos apenas que as consideramos de enaltecer, exaltar e sublimar. Diremos mesmo que temos à frente do Distrito um verdadeiro algarvio em toda a extensão do melhor significado apreciativo.

E porque conhecemos a tenacidade, o entusiasmo e a vontade férrea que dominaram sempre os seus hábitos, as suas atitudes, mais longe até, a conquista das posições brilhantes que, em vários sectores tem assumido, podemos considerar o Algarve de parabéns.

Não seremos pois, nós, que lhe regatearemos o melhor e maior apoio em tudo que prossiga para que esta ridente província, antigo reino, conquiste no concerto da Nação, a quota valorizada de progresso, a que se julga com direito.

O Algarve atravessa uma fase de descrença e desânimo por verificar ou pressentir que os seus mais importantes melhoramentos têm sido postergados ou diferidos.

Poderá talvez, a quem olha de alto, considerar esta nossa atitude como própria de gente insatisfeita, irreverente e quiçá, mal agradecida, considerando as somas já atribuídas para arranjo de portos, estradas, estabelecimento liceal e construção de edifícios escolares do Plano dos Centenários.

Santuário

DE
Nossa Senhora da Piedade

SEND O desejo manifesto de quem superior e brilhantemente dirige a Diocese do Algarve promover a edificação dum santuário onde o culto à veneranda Imagem de Nossa Senhora da Piedade possa ser condignamente exercido com esplendor apropriado, permitimo-nos lembrar que a Ex.ª Câmara ordenasse ao seu técnico a conclusão rápida do projectado estudo do ramal que ha-de ligar a estrada n.º 270 ao cimo da colina de Nossa Senhora e por onde se virá a fazer todo o transporte dos materiais para a construção da Igreja. Sabemos que a vereação antecessora da actual entregou ao técnico da Câmara os elementos base para a elaboração do projecto. A resolução deste problema não deve ser protelada sob pena da aspiração da grande maioria dos louletanos, devotos da Mãe-Soberana, vir a ser embaraçada no momento em que se chegar ao termo das diligências em curso. Que a autoridade local não se descuide em prestar a sua necessária colaboração a um empreendimento que muito virá valorizar a nossa terra, é o voto que formulamos.

ECONOMETRIA ALGARVIA

Pelo Dr. A. Sousa Pontes

UM outro problema ligado ao aproveitamento da agricultura da nossa Província é o que diz respeito à erosão da nossa Serra. Da área total de 5.072 km. quadrados que tem o Algarve, mais de metade estão degradados pela erosão e, segundo os estudos dos nossos silvicultores, a recuperação destes solos e a protecção dos mais íngremes só se pode fazer, economicamente, por meio da florestação.

Actualmente 1 kg. de trigo cultivado na zona serrana lica por mais de 1000, quando o seu preço oficial anda à volta de 330.

Os trabalhos de florestação podem produzir os seguintes benefícios:

1.º — A recuperação de 2.563 km.2 de solo, a longo, médio e curto prazo, consoante o seu grau de degradação.

2.º — O aproveitamento de 62 km.2 de zonas mais ou menos rochosas, onde os solos são impróprios para as actividades agrícolas.

3.º — A defesa, contra as enxurradas, de 496 km.2 de solo agrícola, situado na base das encostas.

4.º — Os terrenos de pomares e de regadios situados ao longo das

(Continuação na 3.ª página)

Uma carta...

Lisboa, 8 de Março de 1957.

Sr. Dr. Jaime Rua e meu distinto Amigo

SÓ hoje, no meu regresso a Lisboa, depois de ir ver a chuva brincar ao Carnaval... em Loulé, sem sequer ter tido o prazer de o abraçar, li no seu, ou para melhor, no nosso muito apreciado Jornal, «A Voz de Loulé», em fundo, do dia 3 do corrente, sob a epigrafe «Ligações rápidas e directas Lisboa-Algarve», as suas atenciosas referências à minha pessoa.

ribeiras, deixando de ser alagados aumentam de produtividade.

5. — Os portos, os rios e as ribeiras e a bacia das albufeiras, como Silves, e, de futuro, outras, deixam de ser tão assoladas, e tal como em épocas anteriores, quando a serra algarvia estava completamente arborizada, os cursos de água voltarão a ser mais navegáveis e a foz dos rios não terão tanta necessidade de desassoreamento.

6. — Uma vez que se corrija o regime hidrológico da zona serrana algarvia, aumenta a área regada no litoral pela maior abundância de água captável no subsolo. Dos trabalhos de florestação dos 2.625 km.2 actualmente crusionados, resultará, em última análise, aumento de valor económico da terra e, consequentemente, melhoria do salário do rural.

Os trabalhos de florestação já levados a efeito noutras regiões, demonstram exuberantemente que as indústrias instaladas com base na floresta produzem melhoria do nível de vida da população ainda superior ao da agricultura arvense.

Em 1954 supunha-se que o cadastro geométrico da área a florestar ainda demoraria 2 anos,

(Continuação na 3.ª página)

Os aros metálicos dos carros de lavoura

ESTABELECEU o Código da Estrada actualmente em vigor, nos seus artigos 18 e 37, limites à largura e ao peso de carga por centímetro, dos aros metálicos dos carros de tracção animal que, por excederem os da quase totalidade dos veículos existentes, deram lugar a geral reclamação por todo o País.

Atendeu, em parte, o Governo, as razões da lavoura e por isso, na redacção dada ao artigo 72 daquele diploma pelo decreto-lei n.º 40.276, de 8 de Agosto de 1955, isentou, até 31 de Dezembro de 1959, dos limites constantes do n.º 8 do artigo 37 do Código, os carros de varais e carroças de um só animal empregados no serviço da lavoura, desde que os aros não tivessem largura inferior a 4 centímetros.

Chega, porém, ao nosso conhecimento de que, certamente por ordem da Direcção Geral dos Transportes Terrestres, a Polícia de Viação, está a multar os donos de carroças cujos rodados não estejam dentro dos limites referidos. Quere-nos parecer que tudo

gira à volta do que sejam carros empregados no serviço da lavoura.

Permite a lei que cada proprietário gose da isenção de licença ou de imposto de trânsito, por um carro de tracção animal empregado exclusivamente na sua lavoura, mas como, nem ocasionalmente, é admitido o uso da carroça no transporte de pessoas estranhas ao amanho das terras ou de mercadorias ou objectos que a isso se não destine, raro é o proprietário que deseje aproveitar da isenção.

Em regra a grande maioria vive no campo e porque não têm automóvel (coitados...) nem bicicleta (pelo menos para transportar a mulher) utiliza o seu carro para vir à vila tratar da sua vida e pode, pelo menos uma vez na vida, ter de levar umas cadeiras que comprou na feira, transportar a farinha que veio trocar à moagem, etc., e se o fisco o apanha... vai se uma semana de trabalho. Por isso quase todos pagam a licença para transitarem sem perigo.

Ora parece que a P. V. T. adoptou o critério de só considerar carros empregados no serviço da lavoura os que têm título de isenção como tais.

(Continuação na 4.ª página)

O serviço de comboios na linha do Sul foi melhorado

NO dia 9 do corrente entraram em vigor os novos horários na Linha do sul, passando o correio, que saía de Loulé, às 23.42 a partir às 23.55, chegando a Lisboa-T. P. às 7 e 15 em vez de 8 e 10, permitindo assim a ligação com o rápido do Porto (8.30).

Gasta assim menos uma hora no percurso.

De Lisboa sai às 22, em vez de 21.50 e chega a Loulé às 5.59.

O chamado «foguet», «mercadorias» que sai de Faro às 18.50 passa a ter 1.ª classe, além da 3.ª.

Por motivo do serviço combinado agora estabelecido com Andaluzia é possível partir de Loulé a meio da tarde e chegar a Sevilha antes das 21 horas, o que vem facilitar imenso as viagens àquela cidade espanhola.

Capitão Teófilo Duarte

De visita às instalações do Banco Nacional Ultramarino esteve nesta Vila, no passado dia 11, o sr. Capitão Teófilo Duarte, antigo Ministro das Colónias, Governador de Macau, e actualmente, um dos Administradores da quele estabelecimento de crédito.

Sua Ex.ª passou o dia, nesta Vila, inteirando-se dos problemas económicos locais e das medidas a tomar no sentido de incrementar as actividades da região.

Conheça a nossa terra

Aspecto nocturno da Avenida Marechal Carmona, vendo-se ao fundo o monumento ao saudoso Eng. Duarte Pacheco



O 27.º aniversário da Casa do Algarve

foi festejado com elevado brilhantismo

Por Luís Sebastião Peres

A prestigiante agremiação regionalista algarvia festejou no passado dia 8 o 27.º aniversário da sua fundação, com uma sessão solene onde se comemorou também, a data do nascimento do seu patrono — João de Deus.

Com grande concorrência de sócios e suas famílias, predominando o elemento feminino, a sessão foi presidida pela sr. D. Maria da Luz de Deus Ramos, neta de João de Deus, a continuadora da obra de seu pai, — os Jardins-Escolas de João de Deus. Teve a ladeia, os srs. Drs. Consequente Sousa de Carvalho, Amadeu Ferreira de Almeida; Coronel Sousa Rosal, Deputado pelo Algarve e Major Mateus Moreno, presidente da Direcção; e Drs. Sousa Carrusca, Luís de Oliveira Guimarães, em representação da Sociedade de Escritores e Autores, e Maurício Serafim Monteiro.

Iniciou a série de discursos, o dedicado presidente da Direcção da Casa do Algarve, sr. Major Mateus Moreno, para agradecer à sr.ª D. Maria da Luz Ramos, a honra de vir presidir à festa do aniversário da casa regionalista algarvia, onde se comemorava também a data do nascimento do seu avô, o ilustre autor da «Cartilha Maternal», cujo busto ia ser descerrado, e os retratos dos dois primeiros sócios honorários da Casa do Algarve, srs. Almirante Gago Coutinho, de descendência algarvia e Dr. Júlio Dantas, algarvio ilustre e nome glorioso nas letras portuguesas.

Leu depois o expediente recebido, onde figuravam telegramas do sr. Dr. Júlio Dantas, das sr.ªs D. Palmira Bastos e D. Virgínia de Mendonça; sr. Coronel Pires Monteiro e uma comunicação do Grupo Pró Algarve, do Porto.

Seguidamente, o sr. Major Moreno convidou o ilustre algarvio e Deputado sr. Coronel Rosal para descerrar os retratos dos srs. Almirante Gago Coutinho e Dr. Júlio Dantas, e a senhora de Sousa Rosal para descerrar o busto de João de Deus, acto que foi sublinhado com estridente salva de palmas.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Augusto Kruss Afonso, distinto histo-

riador, conferencista e jornalista, que dissertou sobre Gago Coutinho, justificando a sua falta àquela sessão, tendo feito elogiosas referências à festa a que se estava a realizar.

O sr. Dr. Luís de Oliveira Guimarães, que ali representava a Sociedade de Escritores e Compositores Musicais, associando-se à homenagem, especialmente na parte respeitante ao sr. Dr. Júlio Dantas, dramaturgo ilustre e presidente honorário da Sociedade de Escritores, leu uns versos escritos por Júlio Dantas, aos 17 anos, num postal que dirigiu ao poeta João de Deus, na altura em que os estudantes portugueses organizaram uma grande manifestação de homenagem ao autor de «Flores do Campo», que datam de 1895 e que transcrevemos:

Todos roxos, os melros, ao luar
No froxel de Ouro dos pequenos

Dão aos filhos lição. É singular!
Antes de os ensinarem a voar,
Ensinam-lhe os seus versos...

Júlio Dantas

Depois, fez-se ouvir emotivo improviso, o messinense ilustre sr. Dr. Maurício Serafim Monteiro, que fez o elogio de João de Deus, como poeta, pedagogo e o homem.

Depois de saudar a neta do poeta ali presente, e a Direcção da Casa do Algarve, deu início à sua palestra referindo-se a muitos dos aspectos de João de Deus e da sua obra, — afirmando: «João de Deus foi um poeta de notável lirismo, espontâneo e emotivo; pedagogo ilustre com a sua «Cartilha Maternal» e, como homem um espírito e bondoso». Por fim, referiu-se à dívida que o Algarve deve a tão ilustre filho: a instalação de um Jardim-Escola, na cidade de Faro, cujo terreno para a sua construção foi já ofertado pelo benemérito algarvio, sr. Engenheiro Coronel Manuel Aboim de Sande Lemos, obra essa que conta também com o patrocínio da Câmara Municipal da capital do Distrito; dada a impossibilidade de se fazer em S. Bartolomeu de Messinas, terra natal do poeta. «A assistência aplaudiu vivamente as palavras do sr. Dr. Maurício Monteiro.

(Continuação na 3.ª página)

O horário das automotoras Lisboa-Algarve

Lembra o «Século» de ontem, a vantagem que haveria em que a ligação de Lisboa-Barreiro se fizesse no barco das 19 e 25 em vez do que sai às 18.35. Tal facto traria a vantagem dos passageiros do «Foguet» que sai do Porto às 14.35 e chega a Lisboa às 18.50 poderem chegar ao Algarve no mesmo dia o que seria altamente conveniente. Igualmente haveria vantagem para os passageiros do Sul que sairiam de Lisboa depois do encerramento dos estabelecimentos e possivelmente já jantados, o que representava maior comodidade. O único inconveniente seria chegar ao Algarve, uma hora mais tarde o que é pouco de considerar.

18 MAR. 1957

ANO I

N.º 10

17 MARÇO

1957



Convidamos todos os
artistas portugueses —
novos e consagrados
a colaborar em

«Prisma»

Considerações não filosóficas

PODERÁ parecer estranho o título. Mas não é. Em primeiro lugar, porque não nos propuzemos tratar um assunto estritamente especificado: em segundo lugar, ... ora, evidentemente porque estas considerações nada têm de filosófico, não são quaisquer altas congeminções ou especulações filosóficas, hoje em dia tão do agrado de muitos intelectuais (e não intelectuais).

Não vão agora viajar no espaço e no tempo, espiritualmente, claro, até junto dos antigos gregos, para nos virem dizer que só pelo facto de falarmos de assuntos culturais, eles são forçosamente filosóficos, como consequência da premissa que é a sua remota concepção de Filosofia.

Mas infelizmente parece que essa ideia helénica do «Amor pelo Saber» vigorosa ainda com carácter actual nas mentes desactualizadas de muitas pessoas hodiernas. E essa vigência serve para explicar muitas coisas, se serve! Por isso tudo agora é filosófico — há uma extraordinária apetência para o uso do termo «filosofia» e seus compostos e derivados, referidos a assuntos que com ela não têm nenhuma relação quando muito são objecto da Filosofia apenas, visto ser ela uma tentativa de explicação racional da realidade.

Eis que surge um poema de meia dúzia de linhas — logo a Filosofia é nele descoberto como que por encanto. Pinta-se uma tela, e logo virão muitos críticos dizer que ela é profundamente filosófica (naturalmente é impenetrável, como sucede em grande número de quadros modernos), só porque essa palavra dá a entender que nele se encontra algo de subtil e de extraordinário, algo de superior no capítulo da conceptualização que escapa aos espíritos menos argutos ou não iniciados.

Naturalmente, é com base na actual definição de Filosofia acima citada, que tudo isto se explica — mas com base numa má interpretação do seu sentido. Por isso, muitas vezes, quando ao olhar para um quadro se diz que é filosófico, certamente que se pensa ver nele uma interpretação da realidade «sui generis», com um cunho próprio característica do autor e da sua maneira de ver. Mas o pior é quando essa maneira de ver é deficiente, como acontece com frequência. Perdoem-nos esta intromissão no domínio sagrado e inviolável de muitos pintores modernistas (note-se que dizemos de muitos, e não de todos) — isto é já hábito o nosso e não tem emenda. Conhecemos bons oftalmologistas para certos pintores e, porque não, para certos apreciadores que não apreciam nem «vêm» nada. Mas a desculpa do «eu é que vejo, eu é que percebo; eu cá interpreto assim a realidade — os outros não percebem? são filisteus» — vai tomando incremento e há muito quem diga que percebe só para não ser estúpido.

Porém, já quase nada nos admira — desde que vimos que há pessoas que descobriam, por exemplo, que a actividade profissional dos barbeiros é uma arte (desculpem estas pessoas não termos escrito com letra maiúscula) e o pintor de portas um artista (idem), salvo o devido respeito às respectivas profissões, tão honradas como quaisquer outras. E isto para não falarmos de certos «artistas» da rádio e até do cinema. E o cinema é uma arte bem verdadeira por vezes.

Mas vejamos que não se é artista só pela razão de praticar qualquer actividade concernente a um ramo da Arte, de modo nenhum, e há portanto que ter cuidado com a terminologia a empregar. Qualquer pessoa que não tenha de facto qualidades artísticas pode pintar um quadro, compor um poema, esculpir uma estátua, representar em cena um personagem, e não ser afinal um artista: se a Arte é a expressão sensível da beleza, basta para isso, como é óbvio, que esse quadro, esse poema, essa estátua ou essa representação, não tenham características de beleza, de harmonia, digamos até, de subjectividade, suficiente.

Não se pense, porém, que estamos a dizer que não existe relação entre Arte e Filosofia. Há, pelo contrário, uma estreita interpenetração das duas. Negá-lo seria absurdo. Há, com efeito, além mesmo da filosofia contida em certas obras artísticas, uma Filosofia da Arte, diremos quais propriamente, uma «Filosofia do Belo», que como se sabe, é vulgarmente designada por «Estética».

Mas daqui até procurar e julgar descobri filosofia em toda e qualquer manifestação artística e nomeadamente em manifestações que só são artísticas pelo nome, vai um grande passo. Até porquê, e não o esqueçamos, em princípio a Arte é que é objecto da Filosofia e não esta última objecto da primeira.

Há, pois, que tomar atenção ao emprego e significação exctos destes dois termos: Filosofia a Arte. Eles representam duas das mais elevadas criações do espírito humano; são dois conceitos que é absolutamente necessário não deturpar.

Lisboa, Janeiro de 1957

João Pires Loureiro

Livros e Autores

«Meditações»

Poemas de Sotero Cabrita

DEPOIS de ler «Meditações» surge inevitavelmente uma pergunta: porque publicou Sotero Cabrita este caderno de versos?

Não há na minha pergunta o intuito de ferir susceptibilidades mas nota-se de facto uma precipitação na publicação de «Meditações». Sotero Cabrita não é um poeta maduro, embora nos mostre alguns extractos da sua poesia um pouco de intuição poética. Ora intuição poética não é suficiente para se fazer poesia. É certo que a poesia, a meu ver, é independente da razão no seu fluxo criacional. Porém deve estar intimamente ligada com a razão no acto da sua divulgação.

Sotero Cabrita falou na forma e no conceito, notando-se porém, uma possibilidade de efeitos futuros, depois de tudo o que o seu livro lhe ensinar. Porque estou convencido, «Meditações» será para o seu autor uma lição...

Como nota ao prefácio ousou perguntar o seguinte: fazer poesia será de facto jogar com as palavras e organizá-las em poema?

Uma nota mais: «Meditações» é, digamos, uma análise de certos pedaços da beleza da vida — as crianças, a saudade, a natureza, etc.; pergunta-se: como se compreende a Breve Síntese onde o poeta fala de rancor no peito e de amor no coração, de sorte na vida e fim na mesma vida???

É um caderno prenhe de contradições, este de Sotero Cabrita...

C. B.

Esta pergunta sòmente...

À MARIA ROSA

... Já pensaste que a melhor solução seria um hipotético banho de mentira dulcificado pelo perfume suicida na corda do esquecimento???

Março de 1957

CASIMIRO DE BRITO

HOMENAGEM

a Sebastião da Gama

TOMA ESTA FLOR!

OS poetas não morrem. E o sonho também não. Por isso a vida TEM DE CONTINUAR, Joana Luísa!

— Senta-te Maria Rosa, disse Sebastião. E' preciso que conheças ainda o resto dos meus versos. E' preciso, antes que seja demasiado tarde.

Sento-me na pele que cobria o chão daquela parte da sala. Ele sentou-se no maple e acendeu um cigarro. Na estante dezenas de livros. Quentes todos das suas mãos e do seu olhar.

A Joana Luísa sublinhara alguns. Enquanto ouvia e numa altura em que disfarcei a comoção de curiosidade, folhei-os. Traços verdes e vermelhos nestas páginas doloridas da Ilse Losa.

(Porquê, Joana Luísa? Porquê este traço verde a acender bocados de luz no meu desconhecimento primitivo da tua saudade?)

Pousei os olhos sobre o seu ar sereno e branco, como uma criança medrosa de tristeza abraçaria a sua mãe. Ela percebe a minha ternura expontânea e fica mais vermelha que as bagas de azevinho que aqueceu o ar distante e intocável daquela moldura.

— Ouve Maria Rosa! — insiste Sebastião. Este poema está em francês e escrevi-o para a Nicola quando ela tinha dez anos. E ri-se com a lembrança. Rimo-nos os dois.

Bem sei que o poema foi feito para mim. Os nomes é que foram trocados.

«Si j'avais dix ans

j'irais à l'école...»

... lembro-me perfeitamente daquela manhã que os versos contam! Fomos os dois de mãos dadas para a escola. As minhas tranças eram compridas e o ar estava todo pincelado de andorinhas...

— Toma esta flor! — disse ele.

— Onde a ponho?

— Nas tranças. E' igual às outras que trazes penduradas nos olhos.

— E's bom, amigo! Obrigada. E dei-lhe um beijo. E nesse dia os bancos da escola foram mas fofos. E a professora deixou de ser gorda e teve um ar de fada. E a certa altura a escola foi um jardim e os meninos, flores iguais às que escorriam dos meus cabelos, plantadas pelas suas mãos de poeta...

— Gostaste?

— Sim. gostei. Gostei muito.

E mais nada. Olhá-lo bastava-me para dizer tudo.

— Agora vou ler-te estes. Foram feitos quando...

— aquele boneco de barro, foi comprado para a casa da rua do Espírito de Santo... era um ninho meigo e simples como o sorriso dele. Pressinto-o. Mas não lhe digo nada dos meus pensamentos nem das minhas certezas. Oiço-o apenas, sentada na pele branca, perto do maple onde ele lê a sua poesia inédita. Esta foi a hora mais inesperada e grandiosa da minha vida toda.

Uma certeza que basta para todos os Dezembros futuros. Depois fomos de braço dado até à Arrábida. A porta do convento estava fechada e como dois ladrões (os outros que foram estavam no outro lado do nosso mundo) entrámos por um sítio que só ele sabia.

Peguei-me ao colo na descida e quando as giestas nos sentiram a presença riram às gargalhadas. Frei Agostinho da Cruz veio espreitar e mal nos descobriu ficou feliz e contente como um malmequer branco nas mãos de uma namorada.

E enquanto eles conversaram (ai, o que os poetas têm sempre para dizer quando se encontram!) fugi e a água da fonte contou-me aqueles segredos que o silêncio desconhecido teimava em guardar e eu tanto queria saber.

Lá em baixo o Sado acenava-me contente. Parecia um menino pequeno, às cambalhotas na areia. A mãe Arrábida olhava o com um ar complacente e eu ri tanto, que os fradinhos vieram todos para o pé de mim. E o ar ali era tão azul e leve; as giestas tão amarelas e perfumadas; a alma tão simples e verdadeira que quando acabaram de conversar e nos viam, pensaram que um bando de anjos tinha vindo morar para o convento.

Frei Agostinho recebeu-nos muito bem. Esqueci-me que tinha crescido e senti-me como se tivesse um bibe de folhas e as mãos cheias de contos de fada e príncipes bons.

Quando abalámos era já de noite. Passámos por Azeitão para o deixarmos lá. E enquanto dava à Joana Luísa — a boa e terna ave daquele céu de beleza — um raminho daquelas flores brancas de que ele tanto gostava e eu não sei o nome, olhei para ele e apenas consegui rezar entre uma lágrima e um sorriso:

— Adeus Sebastião da Gama! Gostei muito de ter passado contigo esta tarde de Dezembro.

— Adeus Maria Rosa. Foram três horas esplêndidas, é verdade. Mas agora vou descansar um bocadinho ali no leito castanho do cemitério Os vermes também são poetas e exigem a minha presença.

E perante a minha impotência:

Temos que compreender tudo e todos. Dar a tudo e a todos, até aos vermes, todo o amor e sangue que existem em nós.

E de andar pelo escuro dentro.

— Adeus, Sebastião da Gama! — acenou a minha saudade. E foi tão profundo o grito desta tristeza que pela primeira vez na vida ela hesitou numa decisão.

Olhou para trás. Corri para ele e olhámo-nos longamente. Não lhe pedi que ficasse. Não lhe pedi nada. Mas as minhas

POEMA

para os viajantes da Esperança

Por cima dos tumultos dos que caíram
estendo o meu braço e a mão
armada para a vingança
que não é de sangue

lágrimas

mortes

Planto-me na terra

e crio raízes para os vendavais

cada raiz dá uma outra raiz

e todas juntas não são demais.

A chuva que cairá há-de limpar

esta inútil paz podre

e o limo castanho

que envolve a vida.

A minha bandeira é sangue

céu pradaria baionetas e uma flor

quebrada

O meu sonho já não envolve inútil

o meu dormir acordado.

Já não tenho cobertores e estou Nu

e tenho frio e sede vergonha e medo.

Mas lavo-me contente

com o amor

a arder os olhos

OS OLHOS LANÇADOS AO FUTURO

8/11/56

Vitor Alegria

O Coelho do Boazinha

UM pulha. Vivia há muitos anos na Escola. Encarregado na rouparia, não comprava roupa, diziam, desde que para lá fora. Tinha uma costela de judeu — até feira-te tinha sido. Poucos dias depois de chegar, Pópó dissera-me mal do Boazinha. Era má rez. Ele e o filho. Este, empregado no Secretariado, tinha ares de doutor. As primeiras impressões tudo isto fiquei sabendo. Comigo usou a mesma política: amabilidades a torto e a direito, oferecendo-se-me desinteressadamente para prestar qualquer favor. Como condição única pedia que me tornasse seu freguez. Vendia tudo quanto a rapaziada precisava. Desde tabaco a livros proibidos. Lucros excessivos. Dava facilidades de pagamento e emprestava dinheiro a juro. O Belo, rapaz do Minho, cuja samarra aqueceu durante muito tempo os ombros do Boazinha, disse-me uma vez: «Aquele? É enertado em corno de cabra». Não se gramavam desde o dia em que ele, o Belo, forçara o Boazinha a despir em público a samarra. À noite, na loja, reunia-se um pequeno grupo sempre disposto a tirar partido. Como fazia negócio, o Boazinha tolerava. Um dia em que a tertúlia estava animada, alguém do meu grupo teve a ideia de amolar o Boazinha. Passou a senha. Todos acharam bem. Eramos quatro. Saimos, à rua a combinar. De princípio hesitei. Tratava-se dum roubo e tive escrúpulos, na cumplicidade. Depois convencei-me, argumentando que muito mais me tinha ele roubado nas compras que lhe tinha feito. Era afinal, coisa de pouco valor. O que valia era a partida. O Vila Real chefiou a empresa. Na distribuição do serviço coube-me a vigia. Fiquei satisfeito porque era fácil. Nesse posto diverti-me imenso. Ri sózinho. Imaginei o Boazinha no dia seguinte a lamuriar-se que lhe faltava um coelho. «Roubaram-me um coelho, bandidos! O melhor coelho! Valia um dinheirão. Por este andar dão comigo na miséria. Ah gatunos, ladrões! Quem me dera saber quem foi!»

Para o Boazinha, usurário, um coelho tinha um valor extraordinário. A piada esteve nisso. O serviço fora feito com limpeza. Em meados de cinco minutos o coelho estava nas mãos do Alcantarilha. Tivemos que arrombar o cadeado, mas o barulho na loja era grande e nada se ouviu. Roubo escondido, seguimos para trás do Colégio. Lá, o Alcantarilha sacou do fundo do capote o coelho e examiná-lo-lo. Era enorme. E gordo. Tinha-nos de o matar. No dia seguinte come-lo íamos, em Valverde. A mulher do Fialho era especialista em petiscos desta natureza,

— Eh pá, com batatas fritas, que tal?

— Óptimo.

— Até já lambos os beigos.

— A pinga é que tem de ser boa.

Depois de morto escondemo-lo numa moita. Todos socaram o coelho. Mas eu não tive coragem: quando me chegou às mãos, já estava mais morto que vivo. Ao deitar-me estava satisfeito. Era como se tivesse praticado uma boa acção. Combinámos segredo. Por isso na disse no quarto. Não era que não tivesse vontade. Estava em crer que todos achariam bem, tratando-se de quem se tratava: do Boazinha.

No dia seguinte, foi como pólvora. Toda a Escola sabia que tinham roubado, ao Boazinha, um coelho. Interiormente eu estava satisfeito com o sucesso. Eu e os outros. Para ouvirmos do próprio Boazinha o sucedido, fomos, um de cada vez, à loja. Quase me ia deixando rir. Fiquei no entanto apreensivo quando o Boazinha disse ter feito queixa ao director. Não contávamos com essa.

No refeitório, ao findar o almoço: o professor-regente buscou o assunto. Quem quer que fosse estava a tempo de remediar o mal, disse. Bastava com idênticas precauções ir pôr o coelho na capoeira. O pior é que ele já estava morto. Reunimo-nos, os quatro. De início as opiniões divergiram. Mas o medo acabou por vencer-nos. Acobardámo-nos. Chogada a noite procurámos o coelho e enterrámo-lo. O prazer não foi completo, mas persistiu a maldade ao Boazinha.

José Guerreiro

ERRATA

No último PRISMA passou um gato lamentável. O maroto deturpou todo o sentido do poema «Sarsório Carnavalesco». Assim, onde se leu: «porque os corpos — posição ou na escala social», devia-se ter lido: «porque os corpos — posição X ou Y na escala social».

E deste modo, foi assassinado o maroto do bichano.

lágrimas contaram o escuro das horas de solidão, o horizonte sem estrelas nem afectos dos meus dias.

Pousou lentamente, sobre os meus ombros vergados as suas mãos brancas e meigas.

Caminhámos envolvidos numa pureza sem tempo nem espaço. E nunca mais me abandonou.

Mas só os pássaros, os ciprestes e a morte, entenderam o perfume desta amizade espectral.

Maria Rosa Colaço

Loulé... em retrato

LI há dias, numa revista, a opinião expendida por um grande psicólogo de que um dos males de que sofre a humanidade, com tendências de agravamento, é o da falta de domínio dos hábitos específicos.

Assim, esta propensão, traduz-se na frequência, cada vez maior, com que os indivíduos se deixam dominar pelos hábitos, em lugar de criarem, eles próprios, o seu meio ambiente.

Recomendava o articulista que esta reacção contra o domínio pelo hábito devia ser ensinada na escola primária, porque, dizia, o estudante que termina a escola primária, o liceu ou a universidade, sem a convicção inteligente de que é o criador dos seus próprios actos e não a vítima passiva dos mesmos, está fadado à derrota e à auto-subordinação.

E é essa atitude que leva os indivíduos a considerarem-se vítimas das circunstâncias da crise, da política, da educação errónea, da indulgência da família ou de experiências funestas.

Bem observado! Isto trouxe-me, em parte, a explicação de certas perguntas que, intimamente, me preocupavam ao observar determinadas atitudes e formas de agir dos nossos tempos.

Anunciaram os jornais e foi prometido pela C. P. que, a partir de 31 de Março, entravam em funcionamento as automotoras diárias, ligando o Algarve a Lisboa.

É caso para embandeirar em arco!

Mas, já de longe me constou que Loulé, não figurava no número das estações de paragem. Isto deve merecer e desde já, visto que se estão elaborando os respectivos horários, a maior atenção e vigilância da nossa Câmara, pois representaria um alto e notável prejuízo para o nosso concelho, que

não é dos que, ao caminho de ferro dá menos passagens.

Loulé com os seus 50.000 habitantes, desprovida de ligações ferroviárias convenientes, não pode deixar esta oportunidade de insistir, reclamar, exigir que lhe seja prestada a justiça que a sua importância populacional impõe.

E talvez seja ali uma forma de, fazer convergir a Loulé pessoas de outras freguesias a quem o serviço das automotoras do Sul tem desviado da sede do Concelho.

E como complemento desta medida, devia pedir-se e estudar-se a forma de ligação a todos os comboios e automotoras, ainda que, de harmonia com o que a lei facilita, houvesse que se municipalizar esse serviço.

Que se não durma sobre um assunto de tamanha magnitude para a já tão castigada economia do Concelho.

No domingo houve Batalha de Flores, que, nem por ser na Quaresma, deixou de ter animação. Pena foi que o rendimento não correspondesse ao que se esperava e ao que a Santa Casa carece.

Mas, como os fins justificam os meios, os nossos sentimentos religiosos, foram benévolos e tolerantes, esquecendo a impropriedade da época.

O que tem de mau é que pode converter-se em hábito e como atrás disse-mos mau é que os hábitos dominam a nossa vila.

Depois de escrito, este número do "Loulé... em retrato" tomámos conhecimento pelo sr. José João Ascensão Pablos, digno Vice Presidente da Câmara, em exercício de que o assunto da paragem das automotoras para a carreira "Algarve-Lisboa", na estação de Loulé, está perfeitamente assegurado, como foi prometido pelo sr. Engenheiro Espregueira Mendes a pessoa de família daquele senhor.

Tal facto só nos regosija e como apenas nos interessa que isso se verificasse entendemos ser de elementar justiça prestar este agradável esclarecimento, que muito sinceramente agradecemos.

Reporter X

PROPRIEDADES VENDEM-SE

2 propriedades no sítio da Varzea da Ponte da Tor, sendo 1 com terra de semear e regadio e 1 morada de casas e outra com terra de semear e figueiras.

1 courela denominada «Curral da Pedra» junto à Ribeira da Tór com alfarrobeiras e oliveiras.

1 courela de barrocal com alfarrobeiras, no sítio da Cruz da Assomada.

Tratar com Manuel Dourado Martins Sousa Easébio — Salir

Automóvel

Por motivo de retirada, vende-se um automóvel VAUXHALL F G 24-35

Tratar com José Guerreiro Bexiga — Loulé.

Pedra para Obras e para Brita

Vende Manuel Guerreiro Inácio. Fonte d'Apra — Loulé.

Aos Senhores

Livros de recibos para rendas de casas, vendem-se na Gráfica Louletana

Novos ramos

(Continuação da 1.ª página)

Mas o Algarve não é mal agradecido, nem irreverente, nem insatisfeito — O Algarve tem, porque está no extremo do País, a legítima aspiração de se aproximar do nível de progresso que o Estado Novo entende ter espalhado pelo Centro e Norte do País.

E porque lhe faltam boas ligações ferroviárias com o Norte, um aerodromo, um sanatório para tuberculosos, um asilo psiquiátrico, o aproveitamento dos sapais, a arborização da serra, a electrificação, o saneamento das suas aldeias, o alargamento do ensino técnico a vários centros populacionais importantes, o problema do turismo — tão desprezado como se exemplifica com as Caldas de Monchique — e outros melhoramentos que são fonte de vida iminente para o seu desenvolvimento económico, é que pode dar a falsa ideia de que pede demais.

Quem tem pouco, acha sempre precário o muito que se lhe dê, porque muito precisa.

Quere-nos parecer, porém, que o novo Governador Civil, vai tentar, com as suas brilhantes qualidades, suprir, pelo menos em parte, algumas das causas do nosso desalento.

Pressentimos novos rumos!

Oxalá assim seja! Daqui lhe consignamos o mais veemente apoio.

R. P.

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro — Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que GABINO DA CRUZ ROCHA, requereu licença para instalar uma oficina de carpintaria mecânica, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situada na Rua Antero de Quental, n.º 3, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2 - 2.º, (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 9 de Março de 1957

O Eng.º-Chefe da Circunscrição,

João António da Silva Graça Martins

Parteira

Enfermeira - Puericultora. Av. José da Costa Mealha, 38 — LOULÉ.

João Caetano de Sousa Leal, Limitada LOULÉ

Trespasa-se a secção de retalho desta firma

Por motivo de falecimento de um dos sócios e por o outro não poder estar à frente das Secções de Retalho e Atacado.

Casa com mais de 50 anos de existência e bem localizada. Dão-se facilidades de pagamento.

Tratar com Viúva de João Caetano de Sousa Leal ou António de Sousa Leal.

Aerodínamo

Vende-se um aerodínamo e um rádio Philips. Em bom estado.

Tratar na Rua de Portugal, 27 — Loulé.

Econometria ALGARVIA

[Continuação da 1.ª página]

trabalho que deveria ser feito pelo Instituto Geográfico e Cadastral. Trabalhos posteriores, porém, alteraram aqueles planos e, hoje, ainda se desconhece quando eles se iniciariam, não obstante ter este assunto sido largamente tratado no Parlamento pelos deputados algarvios.

Se atentarmos, porém, no exodo da população das freguesias serranas, através do decréscimo da sua densidade, e também porque os referidos trabalhos de floresta devem ser feitos com os próprios habitantes das zonas servidas, parece que chegou a oportunidade de se entrar no campo das realizações.

Outros concelhos do Norte do País, onde se conhece melhor o aumento da riqueza agrícola através da floresta, como é o caso de Pampilhosa da Serra, estão fazendo a arborização das suas serras.

Seguindo-lhe o exemplo, fixemos o trabalhador à terra, tirando-lhe o gosto pela emigração para países que vai enriquecer com o seu trabalho e que, originalmente, não são mais férteis que a nossa terra. Como exemplo citamos a Suíça cujo solo agricultável não é melhor do que o nosso, nem tem mais matérias primas que nós, e consegue dar um nível de vida aos seus trabalhadores superior ao nível de vida dos nossos.

É porque, como dizia o sr. Ministro da Economia no Relatório do Plano de Fomento de 1952, na Suíça e outros países os trabalhadores possuem um grau de cultura e de conhecimentos técnicos muito superior aos dos nossos.

E porque interessa fomentar o ensino técnico-agrícola entre os 69.642 profissionais que em 1950 se dedicavam no Algarve aos trabalhos ligados à agricultura, parecia-nos justo que não só em Tavira fosse montada uma Escola Elementar Agrícola, aproveitando as instalações do Porto Agrário do Sotavento, como junto das actuais Escolas Industriais se instituissem os rudimentos desse ensino, tal como se fez recentemente em Elvas.

Por outro lado, e como já se fez em Beja, Setúbal, Estremoz, Santarém, etc., deviam ser realizadas, anualmente, em alguns concelhos do Algarve, exposições agro-pecuárias, por ocasião das actuais feiras. Estas exposições aproveitariam os mostruários já executados pelos Organismos Corporativos e de Coordenação Económica e por muitos estabelecimentos comerciais que estão interessados na propaganda dos seus produtos.

Com todos estes meios, supomos que se conseguiria, a pouco e pouco, criar nos adolescentes o gosto pelo trabalho rural e fazê-lo voltar para a terra, deixando de a considerar qualquer coisa de inferior, de rotineiro e sem horizontes — como quase sempre sucede.

Lisboa, 18/1/57

António de Sousa Pontes

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro — Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que JOSÉ GUERRIRO CHUMBINHO, requereu licença para instalar uma oficina de carpintaria mecânica, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situada na Rua do Poço, n.º 13 e 15, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2 - 2.º, (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 2 de Março de 1957

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição

João António da Silva Graça Martins

SALIR

Por motivo de retirada, vende-se o «Café Central» em Salir e várias propriedades. Quem pretender dirija-se a David Guerreiro — SALIR.

Se deseja

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o Stand de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 — LOULÉ

Banco do Algarve

FARO

Dividendo de 1956

Avisam-se os srs. Accionistas que, a partir do dia 11 do corrente mês se encontra a pagamento o dividendo referente ao exercício de 1956, em todos os dias úteis durante as horas de expediente.

O dividendo líquido a pagar é, respectivamente:

Para as acções nominativas . . . 4\$1673
Para as acções ao portador não registadas . . . 3\$317

Faro, 8 de Março de 1957

E porque não... am Cine Clube?

(Cont. do número anterior)

Nos últimos tempos, a esta parte, o cineclubismo português, tem vivido momentos grandes, como: o II Encontro na Figueira da Foz, a recente nomeação dos membros federativos, bem como a sucessiva fundação dos vários clubes, o que demonstra à clara evidência a existência dum público fiel e pronto a coadjuvar, bem como o padrão para aquilatar as possibilidades de enveredarmos por um cinema nacional sério e arquitectado em bases sólidas, fugindo ao tão batido e já cansado cenário das escadinhas, da Alfama, ou ao diapasão trágico do fado.

Mas toda esta nossa prosa não tem outro valor e interesse, que não seja o corroborar duma pergunta simples, mas de repercursão, já formulada anteriormente no «Prisma», que poderia muito bem servir de prefácio à história duma grande realização: «o Cine Clube de Loulé».

E porque não? Cremos que no contemporizar, está sempre o grande segredo da vitória e o encarar das realidades frente a frente, o grande impulso para o lançar dos alicerces. E neste caso toda a obra se pode resumir nesta legenda, que já muitos interiormente formularam: um bairrismo o aconselha e uma necessidade cultural o exige.

E tudo se simplifica, quando as boas vontades se fundem e os bons ideais guiam a actividade humana, removendo dificuldades e tornando uma consoladora realidade o projecto do por esse mesmo ideal.

E agora, mais uma vez, ouzamos perguntar: e porque não... um Cine Clube?

M. Leal



Agência em LOULÉ

Leginha & Ramos, Lda
Telefone 69

VENDE-SE

Uma propriedade, em Quarteira, denominada Almargem Grande, freguesia de Albufeira, limitada ao norte com o Morgado de Quarteira, ao sul com a Ribeira de Quarteira, a Nascente com Manuel da Ponte e ao Poente com os Herdeiros de Sebastião P. Faísca Teixeira.

Dirigir a A. F. Teixeira — Rua Reitor Teixeira Guedes, 47 — Faro.

O 27.º Aniversário da Casa do Algarve

(Continuação da 1.ª página)

O sr. Antero Nobre, escritor e jornalista, algarvio possuidor de um espírito fino e culto, conhecedor profundo dos problemas da sua província, fez-se ouvir para dizer: «que a obra de João de Deus exerceu muita influência na mocidade algarvia; passando, depois, a historiariar a fundação da Casa do Algarve em 1930, num período de crise que se abriu em 1941 e da sua reorganização, em 1946, tendo citado alguns dos nomes que estão mais ligados à colectividade por uma acção tenaz e inteligente, destacando, dentre eles, a fulgurante figura de algarvio do sr. Major Moreno, que foi a alma do movimento da reorganização da nossa casa regional — palavras que a assistência coroou com vibrante ovação — e agora uma das suas figuras mais representativas pela dedicação e pelo valor. O orador foi muito aplaudido.

A sr.ª D. Maria da Luz Ramos encorreu a sessão com um discurso de evocação de seu avô como poeta e pedagogo e da obra de seu pai — o Dr. João de Deus Ramos — que são os Jardins-Escolas João de Deus. Disse receber com muita simpatia a notícia da tentativa da fundação de mais um Jardim-Escola, e ele no Algarve, a terra dos seus maiores. Terminou por agradecer a homenagem prestada ao seu avô e pelas referências feitas à sua pessoa que, não tendo nascido algarvio, contudo, o era de coração. A assistência aplaudiu calorosamente a sr.ª D. Maria da Luz.

Mais um aniversário que passa na vida da nossa prestigiosa casa regional, em Lisboa, que a festa daquela noite, se repita por longos anos, são os nossos mais radentes desejos!

Na assistência e em lugares de honra, viam-se algumas figuras de algarvios que pertenceram às gerações da fundação e da reorganização.

Quanto às palavras proferidas pelo sr. Dr. Maurício Serafim Monteiro no que respecta à ideia da criação de um Jardim-Escola João de Deus no Algarve, somos dos que apoiamos sincera e calorosamente a sugestão por, em tempos, termos já feito sentir essa lacuna, num artigo que escrevemos e publicámos na «Voz do Sul», de Silves. Então pedíamos que o Jardim-Escola fosse construído em S. Bartolomeu de Messines. Mas dada a impossibilidade de que assim possa acontecer, perfilhamos desde já, que o seja em Faro, e quanto antes. Mãos à obra!!!

Não queremos fechar estes apontamentos sem deixarmos aqui, de forma muito expressiva, consignado ao nosso MUITO OBRIGADO, ao ilustre algarvio e alma de Bem, o benemérito sr. Engenheiro Coronel Abóim Ascensão de Sande Lemos, pelo valioso contributo dado para o Jardim-Escola, com a oferta do terreno para nele ser construído mais «um ninho dos pequeninos de Portugal»

Luís Sebastião Peres

Ecos de SALIR

Sebastião António Guerreiro, de 3 anos de idade, filho de Teresa Maria José e de Manuel Guerreiro Firmino, residentes no Castelo desta freguesia, aproveitando a ausência dos pais ingeriu uma porção de aguardente duma garrafa.

Os pais ao darem pela falta procuraram-no, indo encontrá-lo já inanimado.

Levaram-no ao consultório do Dr. Pereira da Rocha que nada pôde fazer pois o seu estado era gravíssimo, vindo a falecer pouco depois.

Com a procveta idade de 97 anos, faleceu no sítio do Barranco do Velho, desta freguesia, a sr.ª D. Maria Joaquina, viúva, que deixa 2 filhos, 9 netos e 9 bisnetos.

Apesar de ter cegado completamente há cerca de 40 anos a extinta governava a sua vida como anteriormente, não se ressentindo a sua saúde com o peso dos longos anos de vida.

Transportes de Carga Louletana, L.ª



Largo Tenente Cabecadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

Rua de S. Mamede, 24 D. (ao Caldas)

Telefone 22437

Todos os assuntos relacionados com esta firma só podem ser tratados com

Pires ou Sousa

Actividades columbófilas

COM uma largada efectuada de Evora no pretérito dia 9, a Sociedade Columbófila de Loulé deu início à sua actividade da presente temporada. Há grande entusiasmo pelas próximas largadas.

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos em Março:
Em 18, o sr. Alvaro Martins Cabrita.

Em 21, a menina Erlinda Nunes da Piedade, e o sr. José Bento Batel, residente em Setúbal.

Em 22, a menina Maria Cecília Oliveira Calado.

Em 23, as meninas Maria de S. José Adro Gago e Maria José Calico, a sr.^a D. Brígida de Sousa Oliveira, os srs. Dr. José do Nascimento Costa, nosso assinante na Figueira da Foz e Alexandre Bento Carrilho.

Em 24, a sr.^a D. Maria Gabriela Vaz de Barros Vasques.

Em 25, a sr.^a D. Benvidina Gonçalves de Sousa Oliveira.

Em 26, a menina Bernarda Maria Cavaco Barros e o sr. João Maria Martins da Silva.

Em 28, a sr.^a D. Maria José Pina e o sr. António Joaquim Mendes Pinquilha, residente na Venezuela.

Em 29, os srs. João António Viegas de Castro e António Nunes Batista, residente em Lisboa.

Em 30, o sr. Casimiro José da Piedade Mata, residente em Angola.

Partidas e chegadas

— Com curta demora estiveram em Loulé, as nossas conterrâneas sr.^{as} D. Maria Apolinária Macias Marques e D. Maria Ondina Macias Marques, residentes em Lisboa.

Gente nova

—No pretérito dia 15 de Fevereiro teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.^a D. Alice Galo Melenas, esposa do sr. Manuel Carapeto Melenas, comerciante da nossa praça.

—No passado dia 8 do corrente, num quarto particular do Hospital desta vila, deu à luz uma robusta criança do sexo feminino, a sr.^a D. Maria Guerreiro Coelho, esposa do nosso conterrâneo sr. José Coelho de Matos, viajante comercial.

Parabéns aos felizes pais e votos de longa vida para os recém-nascidos.

Batismo

— No dia 10 do corrente teve lugar na Igreja da Matriz a cerimónia do baptismo da menina Maria de Assunção da Ponte Alves Guerreiro, filha da sr.^a D. Maria Valentina da Ponte Costa Alves Guerreiro e do sr. Deodato Tomé Guerreiro, funcionário municipal nesta vila.

Foram padrinhos a avó paterna sr.^a D. Maria de Assunção Tomé Guerreiro e o avô materno sr. José da Costa Alves.

Falecimentos

— Com a avançada idade de 86 anos faleceu nesta vila, no dia 5 do corrente, o sr. José Joaquim Barreiros, natural desta vila, onde foi importante industrial de tecidos e comerciante, casado com a sr.^a D. Maria Francisca Barreiros.

O extinto era pai dos nossos prezados assinantes srs. Manuel Joaquim Barreiros e José Joaquim Barreiros J.^o, conceituados industriais e proprietários, residentes no Brasil: Alexandre Joaquim Barreiros, conceituado comerciante e proprietário em Lisboa, da sr.^a D. Emilia Barreiros Leal, moradora em Lisboa e do sr. Francisco Joaquim Barreiros, importante e benquisto comerciante e proprietário na nossa vila e nosso prezado assinante e amigo.

O falecido deixou 10 netos e 15 bisnetos, tendo o seu funeral constituído uma profunda manifestação de pesar, pois nele se incorporaram centenas de pessoas de todas as classes.

—Também a trágica ceifadora não poupou a juventude, roubando ao carinho dos seus, em 10 do corrente, um infeliz jovem de 23 anos de idade, após dolorosa e pertinaz doença.

Chamava-se António Sebastião Caleiras da Luz, era filho da sr.^a D. Constança de Sousa Caleiras e do sr. Sebastião de Sousa Luz (falecido), sobrinho das sr.^{as} D. Maria João de Sousa Caleiras Guerreiro, esposa do nosso prezado amigo sr. Reinaldo Guerreiro, D. Isabel de Sousa Caleiras e D. Maria dos Santos Caleiras.

O extinto era solteiro e proprietário dum talho no mercado da nossa vila, disfrutando de geral simpatia, que bem se traduziu pela extraordinária manifestação de pesar que constituiu o seu funeral.

A's famílias enlutadas endereça «A Voz de Loulé» a expressão do seu mais sentido pesar pelos infaustos acontecimentos.

CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

Mortal desastre de viação

NO dia 8 do corrente, num trágico desastre ocorrido entre a Amadora e Queluz perdeu a vida o subdito italiano sr. Agostino Tartaglia, de 28 anos, comerciante, natural de Nápoles e que era muito conhecido nesta vila e da colónia balnear de Quarteira, que, ha anos, vinha frequentando.

Muito estimado por todos que com ele conviviam pelos suas excelentes qualidades de caracter, o jovem «Giovani» como lhe chamavamos, deixa uma profunda saudade, sobretudo pela morte inglória que teve, num momento em que a vida anda cheia de projectos e sonhos de um futuro feliz.

EDITAL

2.ª publicação

António Eleutério Antunes Costa, Juiz do Tribunal das Ex.ções Fiscais do concelho de Loulé.

Faz saber que no dia 19 do corrente mês de Março, pelas 11 horas vai em primeira praça, á porta da Secção de Finanças do concelho de Loulé, pelo valor de 311\$00, o capital litigioso de 414\$50 de que é credora a executada firma Molduras do Norte, Lda, de Vila Nova de Gaia e devedor José da Glória Maio, casado, fotografo e residente em Rua José Fernandes Guerreiro desta vila, penhorado em mão do segundo, para pagamento de Imposto S/ Aplicação de Capitais e contribuição Industrial do ano de mil novecentos e cinquenta e seis, lançado em nome da referida firma na Execução Fiscal Administrativa que a Fazenda Nacional lhe move, como consta no processo n.º 2 de depreciação vinda do concelho de Vila Nova de Gaia, do corrente ano.

Citam-se por este meio quaisquer credores incertos ou desconhecidos.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ter a publicidade legal.

E eu, Anibal Martins Ramos e Barros, Escrivão das Execuções Fiscais, o subscrevi.

Loulé, 6 de Março de 1957
O Juiz
António Eleutério Antunes Costa

AGRADECIMENTO

A família de Cândido de Sousa Ramos, na impossibilidade de o fazer directamente por falta de endereços e ilegitimidade de algumas assinaturas, vem deste modo expressar o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que sentiram o seu luto e se dignaram acompanhar a saudoso extinto à sua última morada.

Poupe dinheiro e viaje com segurança

usando no seu automóvel

Pneus M A B O R

A' venda no Stand do Agente

José de Sousa Pedro

L O U L É

Os aros metálicos dos carros de LAVOURA

Todavia a realidade da vida é que 999 por mil dos carros de tracção animal que existem no Algarve, embora não isentados pelos seus donos, são instrumento indispensável do trabalho agrícola dos seus proprietários.

Não há já quase carros de aluguer nem para recreio ou indústria não agrícola dos donos. O proprietário que pode dar-se ao luxo de ter um veículo para passeio ou para o seu transporte, ou teria uma charrete ou tem um automóvel e se cultiva outra indústria usa furgoneta.

Por isso, embora teoricamente pareça certo, o critério da P. V. T. desconhece os factos reais e leva ao absurdo (como já aconteceu em Faro) de multar um carro como não sendo empregado no serviço da lavoura, no momento em que conduzia... estrume, que julgamos não ter outra aplicação que não seja na fertilização das terras.

(Continuação da 1.ª página)

Parece que, realmente, neste País anti-comunista, quem possui um palmo de terra está sempre a ser objecto, não dizemos de perseguição, mas pelo menos de incompreensão. São as carroças, são os valados junto às estradas, são as árvores perto das bermas, são os ramos próximos dos fios dos C. T. T., etc., etc.

Acreditamos que, com o decreto n.º 40.275 não se quis dar com uma mão e tirar com a outra e por isso estamos certos de que o que se está a passar com os aros metálicos das carroças de tracção animal se funda no desconhecimento das condições reais da vida na Província e por isso apelamos para S. Ex.^a o Senhor Ministro das Comunicações, para que seja corrigido o errado critério adoptado pela P.V.T., a fim de se pôr termo ao alarme que novamente alanceia os milhares de pequenos proprietários atingidos.

Subscrição para o Carnaval de Loulé

Transporte	17.515\$50
José Maria de Barros Vasques — Portimão	50\$00
António Pedro Madeira — Faro	20\$00
José Formosinho Romero — Lisboa	20\$00
Almerindo Dias — Porto	50\$00
Anibal Guerreiro — Faro	300\$00
António Correia Brito da Mana — Funchal	100\$00
Manuel Cordeiro (Herdeiros) — Alte	50\$00
José Júdice de Menezes — Paderne	50\$00
Júdice Fialho & C. ^a — Faro	250\$00
Eng. Joaquim Laginha Serafim — Lisboa	200\$00
J. R. U. — Lisboa	25\$00
G. P. G. — Lisboa	25\$00
A Transportar	18.655\$50

Aparatoso acidente de viação

O péssimo estado da estrada da Salir-Loulé, originou no dia 12 do corrente um aparatoso desastre com um autocarro da E.V.A. que faz aquela carreira e que só não teve gravíssimas consequências por o motorista seguir com as máximas precauções e... muita sorte. O acidente deu-se à saída da Ponte da Tôr. Naquele lugar a estrada tem umas covas muito acentuadas que provocaram a quebra das molas dianteiras da camioneta com a consequente perda da direcção, do que resultou o pesadão do veículo tombar para uma vala ali existente, deixando em crítica situação os passageiros e o motorista.

O desastre, ao ser conhecido na vila, causou bastante alarme, tendo seguido para o local os Bombeiros Municipais que verificaram não haver, felizmente, graves desastres pessoais a lamentar.

Novo regente da Filarmónica Artistas de Minerva

COM uma interessada e numerosa assistência, realizou-se no pretérito dia 8 do corrente, na sede desta prestante Filarmónica da nossa terra, a cerimónia da posse do seu novo regente, o nosso conterrâneo e prezado amigo sr. Virgílio Joaquim de Sousa Viegas. Ao confiar-lhe a orientação artística da Sociedade, o presidente da Direcção, sr. José Centeio de Sousa Martins, usou da palavra para agradecer ao sr. Virgílio Viegas o ter aceitado o espinhoso cargo em que acabava de ser empossado e pôs em evidência o já prova do mérito de que é possuidor o novo regente, cujos conhecimentos musicais, bairrismo e amizade à Filarmónica, onde ensaiou os «primeiros passos», muito poderão contribuir para aumento do prestígio desta popular Filarmónica.

O empossado agradeceu depois as palavras amigas e de confiança que lhe foram dirigidas e prometeu fazer o que estiver ao seu alcance para bem da Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva.

Conhecendo pessoalmente o sr. Virgílio Joaquim de Sousa Viegas e sabendo da sua proficiente actividade em idêntico lugar na Banda da Brigada Naval em Lisboa, cuja regencia continua a seu cargo, estamos certos que a nossa Filarmónica muito beneficiará da sua hábil acção.

Cartaz da Semana Cine-Theatro Louletano

Filmes a exibir durante esta semana:

Dia 17—Homens violentos.
Dia 18—Ameaça de Morte e os Sinos da Liberdade.
Dia 21—Safari.
Dia 24—Escudo Negro.
Dia 25—Escrava e Rainha.
Dia 28—Uma mulher no Inferno.
Dia 31—Gilda.

Farmácias de serviço

Durante esta semana, estão de serviço permanente:

Dia 17—	Farmácia —	Confiança
» 18—	» —	Pinheiro
» 19—	» —	Pinto
» 20—	» —	Madeira
» 21—	» —	Santos
» 22—	» —	Confiança

Cultura Louletana

Um concurso bairrista

A falta de espaço com que lutamos obriga-nos a abreviar o encerramento da publicação de muito original recebido, ultimamente, para o nosso Concurso.

A abundância de concorrentes no género poético, ultrapassou toda a nossa expectativa e pena é que muitas dessas produções venham muito pobres de metificação e algumas muito vazias de conteúdo.

Os contos que recebemos são tão extensos que quase nos ocupariam uma página, alguns deles.

A passagem do jornal a semanário tirou-nos ainda tempo precioso para classificar, rever e coordenar tanto original e por isso resolvemos encerrar o nosso Concurso.

Algumas das produções recebidas, que possamos, pelo seu alto mérito, classificar e publicar, terão o seu lugar numa coluna que reservaremos à «Cultura Louletana». Mas serão publicadas já fora do nosso Concurso.

Para finalizar e seguidamente procedermos à classificação, publicamos a produção:

Calçadas de Loulé

Calçadas da minha vila
Como as amo doidamente!
Parece que toda a gente
Quando passa, rejubila.

E' a criança inocente,
Velhos e damas, em fila,
E uma mulher que refila
Vai passando para a frente.

Vejo-as pejadas de gente,
Quando há mercado e festas.
Mas vejo-as também sôzinhas

Quando a chuva cai fremente
E o vento silva nas frestas
Das casas mais pobrezinhas.

Dinando Valflor

Uma carta...

(Continuação da 1.ª página)

Ora, quantos me conhecem, me distinguem com a sua amizade e seu mais íntimo convívio, sabem bem que, de facto, dentro da minha esfera de acção na Casa do Algarve, ou fora dela, todos os assuntos que se relacionem com um maior desenvolvimento da nossa Província, muito em especial, sob o seu aspecto turístico, me vêm, de há longos anos, prendendo apaixonadamente, na plena convicção em que estou, de ser o Algarve o mais belo recanto português onde o turismo pode e deve assentar arraiais, com êxito inteiramente assegurado. Só os cegos, os que não querem ver, ou os que temem o seu desenvolvimento, na linda Província do Sul, o poderão contestar.

Porém, nas suas bondosas referências a meu respeito, consinta que lhe diga, com muita sinceridade, que se excede, pois que, se de facto, no decorrer de alguns anos, escudado pelo prestígio da Casa do Algarve, não abandonei um só momento e até, por vezes, com certa imperitência, o tão magno problema de ligação ferroviária Lisboa-Algarve, de molde a nos colocar no lugar devido, a verdade é que, e disso estou certo, alguns outros algarvios teriam igualmente dispendido toda a sua influência, e, em muitos casos, bem superior à minha, para vermos finalmente chegado o tão almejado dia.

E se, de entre eles, sem me lindre para qualquer, eu desatacar o nosso ilustre conprovinciano, meu grande e velho amigo, sr. Eng.^o Mário Costa, distinto administrador da C. P., não faço mais do que prestar a justiça que lhe é devida.

Aliás, na Assembleia Geral da Casa do Algarve, realizada em 28 do mês findo, logo puz bem em destaque os serviços de tão valioso conprovinciano, tendo tido o prazer de ver aprovada por aclamação, a minha proposta de um voto de agradecimento a este digno administrador da C. P. pela sua valiosa acção no caso a que nos vimos referindo.

«A Cesar o que é de Cesar». Pelo bondoso acolhimento que se dignar dispensar, no seu jornal, a esta minha carta, se confessa desde já muito grato o seu dedicado Amigo

H. Neves Franco

Secretário da Casa do Algarve e Presidente da sua Comissão de Turismo e Propaganda

N. da R. A presente carta, que recebemos quando o número do nosso jornal de 10 do corrente já estava impresso, vem confirmar o que ali dizíamos a propósito da acção do ilustre algarvio, sr. Eng.^o Mário Costa, nas diligências para a ligação rápida com Lisboa por caminho de ferro. Não nos foi possível publicá-la então, mas fazemo-lo hoje por ser o testemunho de quem tanto se bateu pela agora satisfeita aspiração dos algarvios.

As palavras com que nos temos referido a H. Neves Franco e ao Eng.^o Mário Costa não têm de ser agradecidas porque são a expressão da justiça.

Professora

Com o curso do Magistério Primário, diploma de Ensino particular e vários anos de prática, habilita para admissão ao Liceu.

Nesta redacção se informa.

Para os seus seguros PREFIRA «MUNDIAL»

O maior organismo segurador português
Seguros em todos os ramos
Agente em Loulé

José de Sousa Pedro
Rua 5 de Outubro, 29 a 33

NÃO COMPRE Motores Eléctricos, Diesel e a Petróleo sem primeiro visitar o

STAND
de José de Sousa Pedro
Rua 5 de Outubro, 29 a 33

L O U L É